

# Tiago Marques Aipobureu

um bororo marginal\*

Florestan Fernandes

O conceito de marginalidade

O marginal é um homem que se situa na divisa de duas raças, na margem de duas culturas, sem pertencer a nenhuma delas<sup>1</sup>. É o “indivíduo que por meio de migração, educação, casamento ou outras influências deixa um grupo social ou cultura, sem realizar um ajustamento satisfatório a outro, encontrando-se à margem de ambos e não estando integrado em nenhum”<sup>2</sup>. Diante de cada situação, pois, o homem marginal defronta-se com um problema: deve escolher entre padrões incompatíveis uma solução conveniente. Por causa da escolha, as situações que deve enfrentar são situações problemáticas. E em consequência sua conduta revela sérias alternativas, ora aceitando, ora repelindo um determinado padrão de comportamento ou um valor qualquer. O próprio indivíduo avalia-se sob dois pontos de vista diferentes e sofre as consequências do embate da lealdade que devota ou julga que deve dedicar relativamente a cada grupo em presença. Emoções e sentimentos se combatem, conhecimentos e valores adquiridos anteriormente entram em conflito com novos sentimentos ou valores.

É, pois, uma crise psíquica, que ocorre nas esferas da personalidade, na “consciência individual”. Antes, mesmo, de o conceito ser apresentado sob a forma sociológica atual por Park, um crítico literário, Charles Saroléa<sup>3</sup>, usou, para designar “os conflitos do indivíduo consigo mesmo, determina-

\* Trabalho escrito em 1945 para o *Seminário sobre os Índios do Brasil* do dr. Herbert Baldus (Escola de Sociologia e Política) e por ele publicado na *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo, 1946, vol. CVII). O apêndice é constituído pelo texto de um artigo publicado sob o mesmo título em *O Estado de S. Paulo* (7/5/1949). Tiago Marques Aipobureu faleceu recentemente, em 1958. Os dois textos, juntos, foram publicados em *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira* (dir. Fernando Henrique Cardoso,

São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, pp. 311-343, col. Corpo e Alma do Brasil).

1. Ver Park (1928).

2. Stonequist (1935, p. 3).

3. Saroleá (1891, p. 71, *apud* Palante, 1901, p. 6).

4. Seria possível discutir mais profundamente este ponto, sugerindo outras formas de solução de conflitos. Às necessidades deste trabalho, contudo, parece-me o exposto suficiente.

5. Ver Baldus (1937, todo um capítulo, pp. 163-186).

6. Ver Colbacchini e Albisetti (1942, pp. 25-26, 27-28, 140, 238-261 etc.).

dos pelos diversos círculos sociais aos quais ele pode pertencer e pelas influências sociais contraditórias às quais ele pode se encontrar submetido”, a expressão *conflitos individuais*. E como crise psíquica, individual, é preciso assinalar que não se trata de um fenômeno permanente. Dura apenas enquanto ao indivíduo se apresenta como problema pessoal o conflito grupal, isto é, enquanto o ajustamento a um dos grupos não se processa de modo completo e definitivo<sup>4</sup>.

Até que isso se dê, contudo, o indivíduo observa continuamente sua instabilidade, vivendo um terrível drama psicológico. Sente de forma aguda os efeitos da própria instabilidade e julga, através dela, a conduta dos outros para consigo mesmo, vendo desaprovações e procurando descobrir significados nas atitudes normais dos demais membros da sociedade. Torna-se demasiadamente autoconsciente e supersensível. Ambivalência de atitudes, sentimentos de inferioridade, recalcamientos, psicoses, certas compensações, suicídio, crime etc. constituem os sintomas da crise, manifestando-se com maior ou menor intensidade em sua duração.

#### Delimitação do campo de trabalho

Para este trabalho foi proposto um caso concreto: a crise de personalidade revelada em sua conduta pelo índio bororo Tiago Marques Aipobureu, usando o material recolhido por Herbert Baldus<sup>5</sup> e por Antônio Colbacchini e César Albisetti<sup>6</sup>. Na verdade ambos os trabalhos não fornecem todos os dados indispensáveis para um estudo completo, embora o do primeiro autor contenha informações verdadeiramente preciosas. Por isso, devido à falta de certos dados, não foi possível analisar todos os aspectos da marginalidade e nem sempre com a necessária meticulosidade teórica.

Além disso, há uma questão preliminar que deve ser discutida: até que ponto é válido, cientificamente, o estudo de um único caso? Não há risco de se fazer menos um trabalho de pesquisa original e de revisão teórica, que uma simples ilustração? Compreende-se que o valor científico de uma análise deste gênero é bastante relativo e que de fato não pode ter outras pretensões senão a de ser uma espécie de aplicação da teoria aos fatos. Talvez seja possível um procedimento científico mais rigoroso, orientando-se no sentido inverso, que é o normal. Contudo, o número de casos deveria também ser maior e mais variado e o material precisaria ser recolhido por meio de técnicas especiais, a fim de evitar lacunas e obter um rendimento teórico máximo.

Resta, pois, ao trabalho, apenas uma qualidade: a de colocar em termos objetivos um problema que ainda não foi estudado pelos etnólogos que têm trabalhado nas tribos de índios localizadas no território brasileiro – os efeitos dos contatos com os brancos do ponto de vista da organização de sua personalidade. Mudança social e marginalidade são dois campos importantes das modernas ciências sociais. Qualquer contribuição, nesse sentido, tem seu valor.

Na exposição procurarei ser o mais completo possível, ainda que com o risco de parecer prolixo. Por isso, em vez de discutir o assunto de modo geral, apresentarei nos itens seguintes todos os dados disponíveis de algum valor analítico. Destes dependerão, é claro, as poucas conclusões a que puder chegar.

#### Esboço biográfico do professor Tiago Marques Aipobureu

Baseando-se em informações de Herbert Baldus<sup>7</sup>, calculo que Akirio Bororo Keggeu – mais tarde o professor Tiago Marques Aipobureu – nasceu mais ou menos em 1898, na tribo dos Bororo (Orarimogodoque do planalto oriental de Mato Grosso). Descendia de chefes pelo lado paterno e era bastante vivo e inteligente. Aos salesianos, pareceu desde logo indicado como “figura de propaganda para as missões”<sup>8</sup>.

Em 1910, com doze anos, aproximadamente, por disposição de dom Antônio Malan, foi enviado ao colégio de Cuiabá, onde recebeu esmerada educação<sup>9</sup>. Seu curso foi brilhante, competindo vantajosamente com os companheiros brancos do colégio. Após três anos, em 1913, Tiago viajou pela Europa, indo a Roma e Paris, “vivendo lá no seio das melhores famílias e fazendo-se querer por todos”<sup>10</sup>. Em 1915 voltou, pois sentia saudades da terra.

Casou-se então com uma índia bororo em Sangradouro. Nas missões deram-lhe os salesianos o lugar de professor, e o professor Tiago Marques traduziu para o bororo a “bíblia pequena” e um livro didático de história do Brasil<sup>11</sup>. Mas não apreciava esse tipo de vida e precisaram dar-lhe outro. Encarregaram-no do observatório meteorológico, que ele abandonou logo. Preferia a caça, sua casa e o trabalho no campo, de enxada. Mais tarde, à nova oferta, exigiu um ordenado muito elevado para tomar a seu cargo a direção do observatório.

De Sangradouro, mudou-se para Meruri, mais afastada da civilização, tendo novas oportunidades de voltar à antiga vida bororo. Lá pretendeu, de fato, ser um verdadeiro bororo e sobretudo um bom caçador. Sua educação

7. Ver Baldus (1937, p. 165).

8. *Idem*, p. 165.

9. Ver Colbacchini e Albisetti (1942, p. 25).

10. Baldus (1937, p. 165).

11. Ver *Idem*, p. 171.

12. *Idem*, p. 167.

não recomendava a experiência – Tiago Marques perdera as habilidades que deve ter um bom bororo. Não era um bom caçador e, por isso, “muitas vezes passa com a família grande miséria”<sup>12</sup>. Sua mulher chegou a abandoná-lo, indo morar com outro homem de quem teve um filho. O padre Colbacchini conseguiu reconciliá-los. Tiago Marques gostava muito da mulher e dos filhos, mas nada podia fazer. Fora educado para viver entre brancos e não para enfrentar os perigos do mato e a dura vida de sua tribo, sem os menores recursos e o conforto da civilização.

#### Integração na cultura bororo

Tiago Marques casou-se com uma bororo e constituiu família no seio da tribo. Este é um laço importante, que o prende à sociedade e à cultura bororo. Com o estilo de vida, aceitou também as crenças e a religião da tribo. Entretanto, é lamentável que os dados não permitam saber a importância que tiveram nessa aceitação suas experiências negativas com os brancos e também com os próprios companheiros da tribo. É provável que as rejeições que partiram dos bororo devam ter exercido muito mais influência em seu ânimo, obrigando-o a aproximar-se o mais possível, consciente ou inconscientemente – via de regra, o processo é inconsciente –, do normal, do admitido e esperado de um bororo pelos outros bororo. Para um homem que fora arrancado à vida e à tradição bororo e depois voltara, esse seria um ótimo começo de solução. Revelando comportamentos esperados, é óbvio que contribuía para diminuir os ressentimentos recíprocos e para relaxar, até certo ponto, os efeitos de uma avaliação negativa de sua pessoa, por parte do grupo. A evidência de uma conduta rigorosamente conformada, em suas manifestações exteriores e mais visíveis, aos padrões tradicionais de comportamento auxilia a tolerância de outras inobservâncias, atenuando os rigores do sistema coercitivo tribal. Os esforços que fez para voltar à vida típica de um bororo, mudando-se para Meruri, querendo tornar-se um caçador, revelando fidelidade à religião, à crença e às autoridades da tribo – ao cacique e ao médico-feiticeiro, o bari<sup>13</sup> – devem ser encarados desse ponto de vista. Tiago Marques precisava mostrar-se um bororo como os outros, e assim Herbert Baldus pôde verificar que ele “é bororo pio”<sup>14</sup>.

13. Ver em Colbacchini e Albisetti (1942, p. 247), como se refere a Ukeiwaguúo, “o nosso cacique, o querido...” etc.

14. Baldus (1937, p. 173).

15. Colbacchini e Albisetti (1942, p. 25).

Colbacchini e Albisetti, aliás, consideram que pôde “compenetrar-se da mentalidade e da vida dos Bororo tão profundamente que é hoje considerado um dos melhores conhecedores e intérpretes da tradição bororo”<sup>15</sup>. Essa mentalidade de bororo, em Tiago Marques, transparece no discurso que

vem reproduzido no livro de Colbacchini e Albisetti (pp. 25-26 e 27-29), feito ao anoitecer para os seus companheiros de Sangradouro. É um discurso místico, de grande valor analítico, e que tem sérios pontos de contato com os de Ukeiwaguú<sup>16</sup>, indicando uma conformação à norma. A única diferença sensível é a relativa ao aspecto formal, pois suas frases são mais longas e estão mais concatenadas que as do chefe bororo. “Sim! Sim! É verdade, mas não é verdade. Eu cheguei por primeiro, mas não fui eu que cheguei primeiro, eu cheguei por último, porém fui eu que primeiro gritei, falei quando assim que saiu vozeria e barulho quando gritei quando falei.”<sup>17</sup> É uma forma sincrética de pensamento, contudo, que concebe a afirmação e a negação ao mesmo tempo. Seu valor é grande porque mostra até que ponto Tiago Marques é bororo, nessas situações, revelando uma mentalidade distinta da do cristão letrado ao apelar para símbolos desconhecidos por este, e nas suas atitudes de bororo. De um ocidental letrado, o máximo que se poderia esperar, no começo do discurso, seria uma paráfrase da parábola evangélica.

Nesse mesmo discurso, entretanto, deste ponto de vista, há outros dados que permitem constatações de maior importância. Assim, à ênfase com que Tiago se refere aos seus conhecimentos de bororo, que ele transmitiu aos etnólogos salesianos: “Digo, falo e faço, mas o motivo é que assim falo e digo as coisas que faziam os Bororo, que falavam os Bororo”. Atribui os seus conhecimentos à tradição tribal, parecendo um indivíduo fortemente integrado. E adiante, reconhecendo talvez a sua situação de filho pródigo, fala que “não todas as coisas pude dizer e mencionar, mas todas as coisas que sabia lhes ensinei”<sup>18</sup>. Tem consciência da riqueza da tradição tribal e reconhece explicitamente a impossibilidade de ele, um bororo letrado, ter um conhecimento completo dessa tradição. Em todo o caso, é singular a sua preocupação de fidelidade aos elementos tradicionais da tribo, que relatou aos missionários salesianos. “Tendo sido eu bororo civilizado que escrevi estas informações, alguém poderia pensar que foram escritas debaixo da impressão das coisas vistas e ouvidas entre os civilizados; mas não é assim. Nos meus dizeres nada foi alterado dos tradicionais costumes dos Bororo”<sup>19</sup>. À primeira vista, é uma reação de civilizado; mas, no fundo, é também uma manifestação bastante forte de um bororo, orgulhoso dos “tradicionais costumes” dos seus.

E Tiago Marques conhece bastante as tradições bororo. O livro de A. Colbacchini e C. Albisetti é uma ilustração disso, embora um defeito de sistematização da obra não permita saber-se quais as informações, as lendas

16. Ver os dois fragmentos do discurso desse chefe, reproduzidos por Colbacchini e Albisetti (1942, pp. 349-350).

17. Colbacchini e Albisetti (1942, p. 27).

18. *Idem*, p. 28.

19. *Idem*, p. 140; sobre o mesmo assunto, consultar também p. 247. É bom notar que este trecho, destinado aos brancos, difere dos trechos do discurso, aqui citados, feitos para os Bororo.

20. A lenda do dilúvio e especialmente a de Itubory e Bacororo (ver *Idem*, pp. 200-201 e 189-196, respectivamente) apresentam marcadas variações formais e de conteúdo, quando comparadas com as variantes colhidas por Colbacchini e reproduzidas por Herbert Baldus (1937, pp. 176-185).

21. Ver Colbacchini e Albisetti (1942, pp. 238-261).

22. *Idem*, p. 238; foi escrito a propósito das lendas relatadas por Tiago Marques.

23. Ver Baldus (1937, pp. 174-176).

24. Ver, em Colbacchini e Albisetti (1942, pp. 189-196), a lenda de Itubory e Bacororo.

25. Ver Baldus (1937, p. 181, nota).

etc., transmitidas por Aipobureu. Além disso, os textos são de redação dos autores<sup>20</sup>. Por isso, e porque não tenho elementos para avaliar o grau de congruência das lendas relativas à mitologia bororo e não sei quantas lendas sabe de cor, habitualmente, um índio bororo, não me utilizei das 27 lendas dos orarimogodoque, relatadas por Tiago Marques<sup>21</sup>. Quantitativamente, porém, é um índice de sua participação da cultura bororo.

É provável que haja algumas modificações nas lendas recolhidas através de Tiago Marques. Mas, mesmo que fosse materialmente possível assinalar as modificações, estas teriam um valor analítico muito relativo, pois Colbacchini e Albisetti constataram que a cultura bororo está em mudança. Por isso, “embora todas [as lendas] tenham origem de uma só tradição, rígida e religiosamente conservada entre os Bororo como coisa sagrada, contudo se apresentam nos lábios de um e outro com pequenas divergências”<sup>22</sup>. Seria muito arriscado, pois, atribuir certas modificações exclusivamente ao próprio Tiago Marques Aipobureu.

Nas duas lendas, recolhidas de Tiago Marques por Herbert Baldus, fielmente transcritas pelo autor<sup>23</sup>, há algumas modificações que provavelmente correm por sua conta. Além de um relativo esquecimento pode-se verificar uma reinterpretação de alguns acidentes das lendas, sensivelmente de um homem letrado. Na lenda do “Ké-Marugodu”, o esquecimento é mais acentuado, mas na lenda do “Homem com o veado” há um lapso muito mais grave, pois Tiago deixa de fazer referência às duas divisões exógamas da tribo<sup>24</sup>. Na lenda “Homem com o veado”, talvez devido a uma influência da civilização, introduz um conceito de caráter evolucionista, que é a supressão física dos descendentes intermediários entre o homem e o veado, que não existe nas outras duas versões da mesma lenda que eu conheço. É, porém, na lenda do “Ké-Marugodu” que essas modificações são mais evidentes. Na versão escrita por Tiago Marques, o desejo de maior coerência fez com que ele introduzisse um homem na lenda. De forma que a observação de Herbert Baldus<sup>25</sup> parece-me justa: o jaguar recomenda à mulher que não ria para o Marugodu-Bacororo porque tem ciúmes dele. A modificação mais importante, a meu ver, entretanto, não é essa. Para mim está no trecho em que se trata da morte da mãe: as crianças são tiradas já completamente desenvolvidas do ventre da mãe pelo pai, o Adugoedu. Ao contrário do que acontece nas outras duas versões, em que o desenvolvimento intrauterino não é dado por completo, devendo o pai fechá-las numa caverna e esperar que acabassem seu desenvolvimento lá. Isto é uma coisa inconcebível para um ocidental letrado e penso que Tiago Marques – consciente ou

inconscientemente – transformou esse trecho da versão tradicional por este motivo.

Apesar das reservas indispensáveis, parece que sua integração não era absoluta, que Tiago Marques agia como bororo até onde sua mentalidade de cristão letrado o permitia. Havia uma série de fatores externos que o obrigavam a se conformar aos padrões tradicionais da tribo. Mas, ao mesmo tempo, as suas antigas experiências, os seus velhos conhecimentos e o senso de civilizado contrabalançavam essas imposições do grupo, provocando ajustamentos específicos e por assim dizer parciais às situações enfrentadas. Em algumas destas, a tendência para a conciliação de elementos culturalmente distintos – como nas lendas e em seu discurso – torna-se evidente.

Os dados de que disponho são pobres para aprofundar a análise. Todavia, parece-me que o seguinte trecho do seu discurso é bastante esclarecedor:

É para que eu dissesse assim a eles [os missionários], assim falasse a eles, para os meus chefes ou padres é que aquele que me olha, que me guia, o meu chefe do céu, o Deus, o que ele me fazia ensinar, falar, ficava logo gravado nos meus olhos, nos meus ouvidos, na minha cabeça e por isso fiquei descansado assim de ver que eu lhes mostrei tudo o que diziam, e faziam os Bororo<sup>26</sup>.

26. Colbacchini e Albisetti (1942, p. 28).

Aí, o poder divino transforma as suas informações aos missionários em uma espécie de revelação. Há uma contradição, é claro, pois ficou visto que atribui, primeiramente, os seus conhecimentos à tradição tribal, enquanto depois, para os explicar, apela para uma força sobrenatural, o Deus dos cristãos. Mas, essa é uma contradição resolvida, porque o choque entre a civilização cristã e a tradição tribal aparece sob a forma de sincretismo. É um efeito da catequese, da ação das missões, e provavelmente muitos elementos culturais, relacionados ao cristianismo, foram integrados na cultura bororo, provocando mudanças a que se referem A. Colbacchini e C. Albisetti. Por isso os padres podem ser apontados como chefes – e Tiago Marques reconhece como seus chefes o cacique e o bari – e Deus pode entrar em competição com as divindades e as forças das crenças tradicionais. Elementos culturais de origem diversa e de natureza diferente surgem ligados, superpostos, coordenados numa mesma exposição.

Apesar disso e por causa disso, talvez, Tiago Marques reage como um bororo típico. Fala como um legítimo bororo e liberta-se de ressentimentos e de recalques que são de toda a tribo. Verifica-se que é também capaz de sentir emotivamente os padrões tradicionais da tribo, o passado



dos Bororo. É a memória coletiva que fala em Tiago Marques Aipobureu, quando diz

[...] lembrei os meus velhos chefes. Lembrei aquele bendito e bondoso padre João Bálzola, aquele dom Antônio Malan, deles eu me lembrava. *Destes os Bororo nunca se esquecerão*. Eu desejaria que não houvesse fogo [inferno], que não existissem os diabos, que a gente corresse só para o céu e assim todos veriam a eles novamente<sup>27</sup>.

27. *Idem*, p. 28 (grifo nosso).

Pode-se perceber, de novo, a interpenetração das duas tradições bororo e cristã. O mais importante, contudo, é o ressentimento contra os brancos, referidos coletivamente em forma restritiva.

Em síntese, Tiago Marques procurou, por todos os meios, tornar-se um verdadeiro bororo. Abandonou-se completamente à tradição tribal, procurando ajustar-se à vida social dos seus. Aceitou os símbolos exteriores que evidenciariam diante do grupo, publicamente, a sua transformação definitiva de letrado cristão em bororo. E, em diversas situações, o seu comportamento e as suas reações são os de um homem realmente integrado na cultura de sua tribo. Mas os conhecimentos e as experiências anteriores atuam, consciente ou inconscientemente, de modo ativo sobre sua decisão de se tornar um verdadeiro bororo, projetando-se continuamente em seus atos, em suas atitudes e em seus pensamentos.

Ainda assim, poderia parecer que Tiago tinha conseguido adaptar-se, novamente, ao meio físico e se reajustado à vida tribal. A própria sociedade forneceria os moldes dentro dos quais poderia harmonizar as contradições das duas culturas em contato. Por isso a assimilação teria caminhado no sentido de recuperá-lo definitivamente para os Bororo, entre os quais voltou a viver, perdendo-o de uma vez para os brancos e para a civilização. Apenas certas sobrevivências do seu passado de cristão “culto”, facilmente conciliáveis aos novos modos de ser, de pensar e de agir, apareceriam em sua conduta de bororo.

Mas não é isso que parece ter acontecido realmente. Os longos anos em que viveu com os brancos, aqui no Brasil – nas missões e em Cuiabá – e na Europa, ainda muito jovem para reagir convenientemente, e as influências da educação sistemática, recebida dos representantes da “civilização”, deixaram marcas profundas em sua personalidade. Tiago Marques está muito longe do homem ideal bororo: não pode fazer tudo o que um bororo verdadeiro é capaz de fazer e prega o abandono das crenças tradicionais pelo cristianismo, até diante dos seus:



E assim suas coisas, seus dizeres, suas palavras – dos missionários – passem sobre nós como o fogo que queima o mato, o campo, o grande capim, o capim-navalha, o taquaral, o cipó cascudo, e nós os sigamos no caminho que nos ensinam e assim eles ficarão satisfeitos de ter nos afastado do que nós pensávamos, do que nós entendíamos de nossa falsa vereda, do nosso falso caminho. Estarão satisfeitos de nos ter tirado de tudo isso<sup>28</sup>.

Um indivíduo que pensa, que sente, que deseja e que diz isso, publicamente, não pode estar integrado à tradição do seu grupo, ajustado à sociedade em que vive, ainda que procure se comportar como tal, que se esforce por parecer conformado aos *mores* da comunidade. Em todo o caso, o que foi visto é suficiente para se constatar que ele não é um cristão letrado perfeito, tendo em relação aos valores essenciais do cristianismo uma atitude duvidosa de convertido pagão. Impregna-o de suas próprias concepções de bororo, mistura-o às crenças tradicionais dos seus. As conciliações, pois, não chegam a constituir uma solução pessoal, sendo, no fundo, mais aparentes ou transitórias que reais e definidas. Tiago Marques vive o drama da escolha: é um homem marginal, localizado entre dois mundos mentais diversos.

#### Conflitos com os brancos

É evidente que Tiago Marques foi educado para viver entre os brancos letrados, com os “civilizados”. Sua educação, mesmo, foi coroada de uma forma só possível a um número muito restrito de indivíduos, de elevado *status* econômico. Mas, de volta ao Brasil, retornou aos seus, tornando-se bruscamente um simples bororo das missões. Na verdade, o fato de ter constituído família com uma mulher de sua tribo mostra que não estava completamente desligado das tradições tribais e sem dúvida deve ter facilitado bastante as suas diversas tentativas de reajustamento.

Mas, é lógico, a transição entre um estado e outro não poderia se processar com a mesma rapidez. Entre os Bororo, Tiago Marques inevitavelmente se comportaria como um “branco”, pelo menos em algumas situações<sup>29</sup>. E é aqui, exatamente, que está o ponto fundamental da questão: atitudes desse gênero não eram esperadas dele, nem pelos Bororo nem pelos próprios brancos. Daí uma série de conflitos entre Tiago Marques e os Bororo, de um lado, e com os brancos, de outro lado, os quais devem ser encarados como conflitos culturais. E que tiveram, na desorganização de sua personalidade e no desenvolvimento de sua crise psíquica, enorme importância.

28. Do discurso pronunciado em Sangradouro em 19/12/1939 para os seus companheiros, ao anoitecer; em Colbacchini e Albisetti (1942, p. 28).

29. Em equipamento cultural era superior, mesmo, a outros brancos das missões: “Possuía muito mais da cultura européia do que esse novo diretor de Meruri, que, apesar do seu sacerdócio, não estava muito longe do analfabetismo” (Balduz, 1937, p. 169).

Os conflitos tornaram-se tensos, agravados como foram pelas expectativas de comportamento diferentes em presença. Os missionários – que lá representavam os brancos e a “civilização” – esperavam encontrar um Tiago Marques passivo, trabalhador e obediente, franco colaborador e uma espécie de chave mestra no trabalho de catequese, tanto impressionando e atraindo definitivamente os demais bororo, quanto servindo como um grande exemplo aos brasileiros, na marcha a seguir na conquista dos índios para a “civilização”.

Mas o prestígio entre os Bororo não correspondeu às esperanças iniciais dos missionários: perdendo certas qualidades, que caracterizam um bororo, em vez de subir, Tiago desceu na consideração dos seus e na hierarquia tribal. A sua preocupação imediata, como conseqüência, foi a de readquirir aquelas qualidades perdidas, que o obrigaram a afastar-se cada vez mais dos brancos e do seu estilo de vida, aproximando-se, inversamente, cada vez mais dos Bororo e dos seus padrões culturais. Por outro lado, adquirindo hábitos e atitudes de branco letrado, Tiago Marques não poderia pensar a mesma coisa que os missionários a respeito de suas atribuições e de seu papel. Os Bororo, conforme se verifica nos fragmentos de discurso de Ukeiwaguú<sup>30</sup>, estavam acostumados à retribuição pelos serviços prestados nas missões. Tiago tinha, entretanto, uma noção muito mais precisa de remuneração ao trabalho e do valor relativo deste, aprendida no convívio com os brancos. Por isso, abandonou a direção do observatório meteorológico e, quando foi novamente solicitado pelos missionários, pediu um ordenado grande<sup>31</sup>. É provável que o ordenado não fosse compatível com o nível de vida da região, com os recursos econômicos das missões etc., mas o importante aqui não é isso: é o conflito das duas expectativas de comportamento, em virtude de Tiago agir como um “branco” autêntico. Os missionários, decerto, não estavam acostumados a exigências dessa natureza e não supunham possível essa atitude em seu pupilo bororo. Tampouco perceberam que deviam tratá-lo como um branco letrado e esperar dele o tratamento dispensado aos seus por um branco letrado.

Em conseqüência, o desapontamento dos missionários foi duplo. Perderam o Akirio Bororo Keggeu e não encontraram em seu lugar um Tiago Marques Aipobureu conveniente. Nada lhes valeu como figura de proa, de propaganda das missões e na catequese dos índios; e como trabalhador revelou-se improdutivo, pelo menos por causa das exigências feitas. O caminho para o aparecimento de ressentimentos recíprocos estava, pois, aberto. E eles se manifestaram profundamente, sobretudo do lado dos missionários.

30. Ver Colbacchini e Albisetti (1942, pp. 349-350).

31. Ver Baldus (1937, p. 167).

rios, que o passaram a considerar como um simples *preguiçoso*, estendendo o atributo e a decepção até a seu filho<sup>32</sup>.

32. Ver *Idem*, p. 167.

Quanto a Tiago, parece-me que o processo foi dos mais complicados, pois deve-se considerar as solicitações do grupo bororo e a necessidade que ele sentiu de recuperar o *status* perdido de bororo, concomitantemente com a experiência negativa, representada na repulsa dos brancos. Havia, pois, duas forças sociais centrípetas, da sociedade bororo, atraindo-o para a cultura bororo; uma força social centrífuga do grupo dos brancos, que o repelia do convívio dos “civilizados” e de sua cultura. Todas as forças, portanto, atuavam no mesmo sentido: desenvolver em Tiago Marques Aipobureu o bororo, em prejuízo do “civilizado”. Esse processo já se torna patente quando Tiago abandonou o seu trabalho de professor, preferindo outras atividades, mais compatíveis com as necessidades e as ambições de um bororo. Para os padres, pareceu “que ele não tinha as qualidades necessárias para ensinar, por não poder comunicar aos alunos o que havia aprendido”<sup>33</sup>. Mas, na realidade, aqui estão presentes os fatores apontados acima e novamente um conflito cultural. Um professor tem prestígio nas “sociedades civilizadas”, porque os conhecimentos adquiridos na escola são necessários. Ora, a função da escola das missões, por maior que seja a boa vontade dos missionários, não pode ser a mesma. A escrita e os conhecimentos correlatos, aprendidos na escola, não são indispensáveis para um bororo, enquanto os conhecimentos relativos à caça, por exemplo, parecem-lhe fundamentais. A leitura e a escrita, mesmo, como acontece com a grande parte de nossas populações rurais, são uma espécie de luxo, porque não correspondem a uma necessidade de fato e não têm, por isso, uma função definida no sistema sociocultural da tribo. Tiago foi-se desinteressando, insensivelmente, da escola, voltando-se para atividades mais congruentes com os padrões culturais de sua tribo. O interesse pela lavoura, por sua casa e pela caça surgiram, levando-o ao abandono de suas atividades de mestre-escola. De qualquer forma, esse era um meio espontâneo de conseguir, por pouco que fosse, maior compreensão e mais prestígio entre os Bororo.

33. *Idem*, p. 167.

O conflito cultural, por sua vez, é evidente. Constitui outro exemplo da pouca disposição dos brancos em aceitar atitudes de cristão letrado da parte de Tiago Marques Aipobureu. Suas experiências de antigo aluno de colégios como o de Cuiabá faziam-no encarar a escola e os métodos de ensino de um ponto de vista bastante diferente dos missionários. Pareceu-lhe que com uma ou duas horas de aulas, diariamente, nada se poderia conseguir das crianças – “e acrescentou que seria melhor adotar o horário da cidade”<sup>34</sup>. E

34. *Idem*, p. 167.

esse motivo – a duração das aulas –, é óbvio, está associado a todo um conjunto de fatores implícitos: organização escolar, equipamento educacional, distribuição de tarefas, hábitos escolares, *status* do professor etc., que dariam lugar a uma escola tal como Tiago conheceu entre os “civilizados”.

Esses conflitos com os brancos, todavia, e a premência de tentar um reajustamento mais profundo à vida tribal – inibido até certo ponto pela presença dos brancos – desenvolveram em Tiago a consciência da necessidade de se afastar ainda mais da “civilização”. Aí muda-se de Sangradouro para Meruri, onde vai conhecer decepções ainda maiores, da parte dos brancos. A princípio encontrou um ambiente respirável entre estes, graças à compreensão de um missionário-etnólogo, Antônio Colbacchini. Suas necessidades de convívio com os brancos eram satisfeitas, pois nos dias de festa era convidado para ir ao refeitório, tomando café com os missionários. Educado até os doze anos nas missões, amigo dos missionários (cf. o trecho de seu discurso, citado acima), do padre Antônio Malan, de Colbacchini, tendo confiança nos brancos e sentindo-se naturalmente igual a eles, agia como um íntimo. Era, aliás, aquele o único ambiente adequado aos seus refinamentos de bororo civilizado. Procurava freqüentemente o convívio dos missionários no refeitório, chegando a ir lá mesmo nos dias úteis. O novo diretor, contudo, não compreendeu a conduta de Tiago, fechando-lhe a porta por assim dizer na cara. Ele, por seu lado, entrou por outra porta, não dando importância ao fato. Fechada também esta, quando se aproximava, “compreendeu que não o queriam mais no refeitório”<sup>35</sup>.

35. *Idem*, p. 168.

Era a rejeição formal do grupo branco. O resultado de um processo de avaliação cujo mecanismo já foi analisado. Este, porém, foi o conflito mais violento, despertando em Tiago um rancor muito maior pelos brancos e sua cultura. O ressentimento chegou ao auge, envolvendo pessoas e valores, com a subsequente ruptura de laços anteriores. As suas intenções eram amigáveis e correspondiam às suas necessidades de “civilizado”; o missionário, entretanto, descobriu outro motivo para a sua conduta: o café que ele bebia no refeitório. As conseqüências da ruptura, por sua vez, foram imediatas, acentuando o processo de aproximação de Tiago às pessoas e aos padrões culturais de sua tribo. Tiago reagiu altivamente, passando a comportar-se abertamente como um bororo autêntico. Até esse momento, conforme Herbert Baldus, aceitava os costumes dos Bororo de modo discreto e velado, “agindo exatamente como um branco de cultura e boa educação”<sup>36</sup>. Certos índices revelam a extensão e a intensidade dessa mudança de atitudes: Tiago deixou crescer os cabelos e aceitou a religião de sua tribo. Ambos

36. *Idem*, p. 168.

evidenciam, como sintomas de ressentimento, a violência da crise emotiva, provocada pelos conflitos culturais com os brancos.

Esse afastamento foi acompanhado por um processo inevitável de desnivelamento cultural. À medida que Tiago aceita novos elementos da cultura bororo, perde outros aprendidos com os brancos. Assim, esqueceu as línguas européias, com exceção da portuguesa, e desinteressou-se por leituras, por certos instrumentos musicais, como a flauta<sup>37</sup> etc. O importante, aqui, é a mudança de mentalidade que essas perdas e as novas aquisições compensadoras indicam. Ela é responsável, em grande parte, pela aceitação de outros traços da cultura bororo e pela conseqüente manifestação de formas novas de conduta. Mas, é claro, a perda não poderia ser total. E muitas necessidades de “civilizado” aparecem na conduta de Tiago. O convívio com os brancos e o café são bons exemplos. Além disso, pediu a Herbert Baldus um par de calças e um lenço, “manifestação de necessidades refinadas”<sup>38</sup>. O mesmo autor notou que, ao contrário dos demais, interessava-se muito pelo emprego e mecanismo da máquina fotográfica. Esses e outros traços, que definem a sua segunda natureza humana, caracterizando-o como um ocidental letrado, afloram continuamente em seu comportamento, determinando preferências, ações e atitudes, e solapando as suas intenções de voltar a ser um bororo legítimo. E em conseqüência “hoje, de novo, aproxima-se do mundo dos brancos”<sup>39</sup>. Isso, é óbvio, na medida do possível, pois, queira ou não, agora está intimamente preso à sua tribo e por isso as possibilidades que tem de satisfazer suas necessidades de convívio com os brancos são muito restritas. Perguntando-lhe Herbert Baldus se desejava voltar à Europa, respondeu: “Sim, mas não tenho dinheiro”; e se queria passar umas semanas em Cuiabá, em sua companhia, disse: “Sim, mas não posso deixar minha família”<sup>40</sup>. Imposições econômicas ou sociais reprimem seus desejos de participar outra vez, de um modo mais amplo, da “civilização”. Isso, porém, indica duas coisas fundamentais: que as tentativas feitas por Tiago, visando ajustar-se definitivamente ao sistema sociocultural bororo, ainda não chegaram a resultados satisfatórios, deixando de constituir, por ora, uma solução; e que deverá resolver seu problema de reajustamento dentro de limites bastante estreitos e precisos: os brancos das missões e a sua tribo. Todavia, como resultado de sua experiência negativa com os brancos, já não depositava neles a mesma confiança que antigamente. E os novos elementos culturais, adquiridos na vida tribal, contribuem fortemente para diminuir ainda mais a sua crença em certos valores centrais da “civilização” (pelo menos do ponto de vista de sua formação educacional). Em

37. Ver *Idem*, p. 171.

38. *Idem*, p. 171.

39. *Idem*, p. 171.

40. *Idem*, p. 171.

todo caso, é provável que conflitos mais agudos com os Bororo tenham acentuado suas necessidades de retorno ao mundo dos brancos, determinando novas tentativas de reajustamento.

Mas, uma coisa é certa: Tiago nunca mais poderá ser o bororo letrado que fora, ao voltar da Europa, como também não poderá ser um bororo autêntico no meio dos seus. Esses anos de participação ativa e intensa na cultura bororo deixaram sulcos profundos em sua personalidade e os ressentimentos de um e de outro lado vão pesar em suas futuras decisões e escolhas. Ainda assim, as diferenças são patentes: hoje, por exemplo, acredita só *um pouquinho* que ensinam os padres. Antigamente, ele responderia de outra forma às pessoas e aos valores da “civilização”. Todavia, parece-me que a reconciliação com os brancos e com os seus valores culturais processou-se rapidamente, pois em dezembro de 1939 exprimiu seu desejo de uma supressão total das crenças e religião bororo, em favor do cristianismo. Mas as suas concepções estavam, como foi visto, impregnadas de elementos estranhos ao cristianismo. É provável que no fundo se trate, nessa reaproximação, apenas de uma exacerbação de sua crise psíquica, fenômeno característico da marginalidade. Seria uma reconciliação momentânea não significando por isso uma aceitação definitiva de pessoas e valores da “civilização”. Mais tarde, faria outra vez o mesmo movimento, no sentido inverso, reaproximando-se das pessoas e dos valores que representam o sistema sociocultural bororo.

#### Conflitos com os Bororo

O professor Tiago Marques Aipobureu, voltando para os seus, perdia-se irremediavelmente para a “civilização”. Não seria possível, a ele e a ninguém, ser educado para um meio social e conservar, transferido para um meio social diverso, os mesmos traços de sua personalidade, com a correlata manutenção de habilidades, conhecimentos, técnicas, hábitos e atitudes aprendidos anteriormente. No seu caso, havia ainda um agravante: a maioria dos elementos adquiridos são verdadeiramente supérfluos, antes prejudiciais que úteis na vida tribal. Ora, Tiago viu-se completamente maduro e numa idade em que os homens já têm definida sua posição na hierarquia tribal, no lugar em que todos geralmente começam. Devia recomeçar o período de aprendizagem e suportar as conseqüências da sua imaturidade (relativamente ao meio tribal), da sua “incapacidade” manifesta.

A melhor solução para ele seria a de ter ficado num dos centros “civilizados” do litoral, casando-se com uma branca. Voltando para Sangradouro,

como fez, tinha uma alternativa: ou ficar no grupo dos brancos, agindo como tal; ou reajustar-se à vida tribal. No primeiro caso, desenvolver-se-iam sérios conflitos com os Bororo, é certo, mas parece que facilmente achariam formas de acomodação. E Tiago se imporia à tribo como o “professor”, um bororo letrado e por assim dizer do grupo dos brancos. Mas é evidente que essa solução parecia-lhe impossível, pois logo se ligou definitivamente à tribo, casando-se com uma bororo. E, de fato, devemos convir que estava certo – mostrou-o a análise dos dados disponíveis. As suas atitudes de letrado criaram sérias incompreensões entre ele e os missionários, dando origem a conflitos culturais e a graves ressentimentos recíprocos.

Portanto, se Tiago Marques não encontrar uma conciliação satisfatória, provavelmente deverá ajustar-se à sua tribo. Aliás, como foi visto, nesse sentido atuaram inicialmente várias forças sociais. E apesar da instabilidade de suas preferências – afastou-se dos brancos e depois reaproximou-se deles –, característica de seu comportamento de marginal, a marcha de sua assimilação se faz em favor do sistema sociocultural bororo. Isso, contudo, não significa ausência de conflitos com os seus, muito ao contrário. Estes ocorreram e suas conseqüências sobre a personalidade de Tiago provocaram, talvez, ressentimentos muito mais graves, desenvolvendo nele um forte sentimento de inferioridade.

O abandono decidido das atividades de letrado corresponde à compreensão, consciente ou inconsciente, de que seus conhecimentos e seu trabalho eram inúteis para a tribo, não favorecendo uma definição de *status* na hierarquia tribal e não lhe atribuindo nenhum prestígio. Por isso, voltando as costas aos brancos e à sua cultura, Tiago tinha em mente transformar-se num verdadeiro bororo e conseguir uma posição na tribo. Ao fazer isso, não avaliou devidamente as dificuldades que deveria enfrentar. Porque, assim como para ser o “professor Tiago” precisou de um longo aprendizado entre os brancos, para ser um caçador deveria receber um treinamento prolongado – que desenvolvesse nele o vigor físico, a agilidade, certos conhecimentos sobre o mato e as caças, as técnicas etc., certas aptidões, como a astúcia, a destreza e a coragem –, o qual recebe todo o caçador bororo desde criança. Poderia ser um caçador, mas pouco ou talvez muito abaixo do ideal da tribo. Recomeçando, valia tanto para esta quanto qualquer adolescente, embora as expectativas iniciais fossem a de que ele se comportasse e produzisse como um adulto qualquer. As decepções, é óbvio, desenvolveram um processo de avaliação pouco favorável ao bororo Tiago Marques Aipobureu. Este nunca poderia atingir o *statuse* adquirir o prestígio de um caçador



41. *Idem*, p. 170.

42. *Idem*, p. 170.

educado na própria tribo. E os seus *fracassos* (do ponto de vista bororo) repetidos, ao contrário, em contraste com as expectativas de comportamento tradicionais, contribuíram para uma queda pronunciada no conceito dos demais membros da tribo. Tornou-se evidente que ele estava muito abaixo do ideal tribal de homem. De modo algum poderia, com os recursos habituais de um caçador bororo, matar uma onça, por exemplo. Daí, pois, o desprezo que Herbert Baldus notou na mulher, que lhe disse<sup>41</sup>: “Tiago não teria capacidade para isso” (matar uma onça). Assim desempenha um papel medíocre, de “fracassado”, na comunidade. Em conseqüência, é subavaliado e rejeitado pelos companheiros, entre os quais é “malquisto ou desprezado”<sup>42</sup>. A própria mulher o abandonou por outro, voltando apenas graças à intervenção de um terceiro.

É preciso que se compreenda isto à luz de sua educação de “civilizado”. Do ponto de vista do seu horizonte cultural e da consciência de superioridade, que indubitavelmente deve ter em relação aos outros, sob este aspecto. Não disponho de dados para verificar, mas é provável que, como compensação, Tiago Marques acentuou essa superioridade, superavaliando-a diante dos seus companheiros. Ora, tal estado de espírito, além do agravamento dos conflitos pelas atitudes que provoca, não é compatível com a resposta do grupo. E tampouco lhe favoreceria uma rápida e completa compreensão das próprias condições. Para a tribo vale o caçador perfeito, capaz de matar a onça no mato e de prover suficientemente sua casa de mantimentos; para Tiago, além desses elementos têm valor os seus conhecimentos e as suas experiências de “civilizado”. A avaliação do indivíduo pelo grupo e a avaliação do grupo pelo indivíduo processaram-se sob critérios diferentes, conforme padrões conflitantes e mesmo exclusivos. Se Tiago “provasse” bem como “bororo”, sua situação seria boa, porque ele está em condições de prestar ao grupo, sob forma de compensação, outros serviços (*verbi gratia*, relatar nos discursos noturnos suas experiências na “civilização”, as peripécias nas caçadas etc., cooperar no ensino das crianças que freqüentam a escola das missões, facilitar os contatos com os brancos etc.). Isso aumentaria o seu prestígio. Praticamente, porém, colocou-se abaixo do último grau tolerável, do ponto de vista do ideal da tribo. Em conseqüência, o que na primeira alternativa seriam qualidades, funcionando como formas de compensação e de aumento de prestígio, na segunda alternativa – que ocorreu de fato – pareceu uma ofensa ao grupo, tornando sua situação entre os Bororo ainda mais difícil. E a exaltação de pessoas e valores estranhos ao sistema tribal, à custa do menosprezo de pessoas e valores da própria tribo nas relações com os seus

ou nos momentos da aproximação com os brancos (cf. trechos citados de seu discurso), deve ter provocado não só a desaprovação, mas também o ódio de alguns membros da tribo. Especialmente o de autoridades, como o bari, o médico-feiticeiro. Além disso, nesse discurso infringiu um padrão tribal básico, porque se elevou acima de todos e da própria tradição tribal, estabelecendo comparação entre ela e a religião dos “civilizados” e formulando juízos de valor a seu respeito. Ora, um bororo não pode fazer isso, porque “aquele que se levanta sobre o seu companheiro será envergonhado; aquele que se coloca abaixo de seu companheiro, este será exaltado”, diz textualmente a tradição bororo<sup>43</sup>. Essas transgressões e infrações devem ter acentuado o desprezo que seus companheiros lhe votavam por suas “incapacidades manifestas”. E o desprezo, como pena social, “é muito temido e em várias lendas encontram-se passagens que mostram o grande medo que os índios têm de tal castigo, chegando até a mudar-se para outra aldeia”<sup>44</sup>.

O processo negativo de avaliação tribal é, pois, extraordinariamente reforçado pela manifestação, por parte de Tiago, de idéias e atitudes desaprovadas. Por isso, consideram-no orgulhoso e “outros provavelmente detestam-lhe o saber adquirido nos meios civilizados”<sup>45</sup>. Em síntese, o professor Tiago Marques Aipobureu foi duplamente rejeitado pelos membros da tribo, apesar de suas intenções de se tornar um bororo. Primeiro, por não revelar as qualidades desejadas. Segundo, por possuir e manifestar, publicamente, atributos desconhecidos no grupo e considerados indesejáveis. Em vista disso, pode-se encarar o discurso de Sangradouro como um resultado extremo da reação provocada em Tiago pela repulsa da tribo. Chegou ao período de conflitos abertos, de grande tensão emocional, com as pessoas e valores do sistema sociocultural bororo. O sentimento inicial de inferioridade já se havia acentuado muito antes, entretanto, conforme sugere uma observação de Herbert Baldus<sup>46</sup>: “Assim tornou-se solitário, solitário entre os seus e estranho aos estranhos”. Sentindo-se repellido pelos seus, respondeu com o isolamento. Mas, à medida que aumentavam os ressentimentos pela intensificação de conflitos, a situação tornou-se intolerável. Então passou lentamente do rancor surdo a conflitos abertos com os Bororo.

#### Ambivalência de atitudes

Já foi visto como se processaram os primeiros contatos de Tiago Marques Aipobureu com os Bororo, os seus primeiros conflitos com os brancos e suas conseqüências, e quais os resultados de suas tentativas de ajustamen-

43. Ver Colbacchini e Albisetti (1942, p. 165).

44. *Idem*, p. 135.

45. Baldus (1937, p. 171).

46. *Idem*, p. 171.

to ao sistema sociocultural bororo. Algumas indecisões também foram analisadas de passagem, ao descrever o seu comportamento e certas atitudes de marginal. Portanto, uma boa parte do material que evidencia o seu dualismo relativamente à cultura dos brancos e dos Bororo já foi apresentado. O importante, aqui, não é tanto o fato de Tiago aceitar e mais tarde repelir certas idéias e valores, mas a influência que isso tem sobre sua conduta e no desenvolvimentos de sua crise psíquica. Por que, colocado entre duas formas de agir diversas, passa de uma a outra, contudo, sem um ajustamento definitivo. Afasta-se dos brancos, procurando integrar-se no grupo dos Bororo, sem grandes sucessos; aproxima-se, por isso, outra vez dos primeiros. Isto indica que a crise está em pleno desenvolvimento e que é preciso uma análise mais minuciosa de suas idéias e atitudes.

Foi visto que, sob pressão do meio, a solução se desenvolveu, até certo ponto, em favor da cultura bororo. Tiago Marques aceitou práticas e crenças tradicionais e tudo mostra que essa aceitação não é simplesmente superficial. Parece que se estabeleceu uma relação emotiva entre Tiago e esses elementos da cultura bororo, pois interferiram em suas antigas idéias e crenças cristãs. Essa interferência culminou no aparecimento de dúvidas, em seu espírito, a respeito de pessoas e valores relacionados ao cristianismo e à civilização, apesar de ter sido educado para eles. Assim, acreditava apenas *um pouco* nos padres e nos seus ensinamentos, revelando também certos ressentimentos dirigidos contra ambos. Em determinado momento, chegou a abandoná-los completamente, entregando-se à religião de sua tribo, e “não olhou mais para os padres nem para brancos”<sup>47</sup>. Foi uma ruptura profunda com pessoas e valores da “civilização”, expressa por conflitos abertos e marcada por sinais exteriores e correlatas manifestações subjetivas (crescimento dos cabelos, aceitação de certos hábitos de caçador, da religião bororo etc.) e pelo abandono da conduta de “branco educado”. Mais tarde – e é evidente de modo agudo em seu discurso de dezembro de 1939 – volta para os brancos e reafirma, de modo violento, a crença em certos valores da civilização e, com restrições, nos seus portadores. Chega a exprimir a necessidade de uma recompensa ao trabalho destes, expressa em termos do aniquilamento da religião e crenças bororo.

Mas, a sua mentalidade já é bastante diferente. Tiago não é mais o antigo discípulo dos salesianos. Em seu lugar apareceu um homem diferente, que é capaz de refletir em suas palavras um ressentimento de natureza coletiva, que projeta no cristianismo idéias e valores bororo e que (pelo menos é a sensação que sinto ao ler o fim do discurso) não está firmemente

47. *Idem*, p. 169.

convicto do que diz nem muito entusiasmado com as perspectivas esboçadas. “Estarão [os padres] satisfeitos de nos ter tirado de tudo isto”<sup>48</sup>. Um católico militante, interessado na conversão dos Bororo, pensaria de modo diferente.

As mesmas dúvidas, contudo, Tiago revela a respeito da religião bororo. E estas são facilmente compreensíveis, pois ele foi educado e criado noutra religião, aprendendo inclusive a desprezar as crenças dos “índios”. Por isso mesmo, a aceitação da religião e das crenças dos Bororo não pode ainda ser considerada uma conversão profunda. “A religião cristã, disse, é melhor porque a nossa não tem raiz.”<sup>49</sup> Não só concede em compará-la com a “religião cristã”, como considera inferior a religião de sua tribo. A um bororo integrado, deve parecer difícil a possibilidade de que exista outra *religião* além da sua. Muito mais ainda parecer-lhe-ia impossível a existência de uma religião *melhor* que a sua. A idéia da falta de *raiz*, então, ser-lhe-ia inconcebível. São concepções sacrílegas e desaprovadas pelo grupo.

Tiago conseguiu adquirir conhecimentos e habilidades da cultura bororo. Conseguiu, mesmo, como notam Colbacchini e Albisetti<sup>50</sup>, “compenetrar-se da mentalidade e da vida dos Bororo”. Mas, é evidente que ainda não conseguiu ele próprio tornar-se um bororo. Pode ter esquecido, por um processo de desnivelamento cultural, muitos elementos da cultura dos brancos; não ter mais uma concepção do deus dos cristãos e do destino destes após a morte; e, a respeito das almas, as concepções dos Bororo acreditam no bari, nas forças mágicas do bari, que os bope – os demônios – vivem nos jatobás, nas pedras<sup>51</sup>; e conhecer profundamente as lendas e os costumes bororo, comportar-se publicamente como um bororo; ele mesmo, porém, é um “branco” em grande parte. Um índio letrado, capaz de ter diante de valores da cultura bororo uma atitude profana, independente – crítica em certas circunstâncias e noutras também valorativa. Servem-lhe de padrão comparativo os elementos adquiridos no convívio com os “civilizados”. Mesmo quando se refere aos seus, relatando suas lendas, por exemplo, manifesta a sua segunda natureza ao dizer que não se deve atribuir modificações intencionais nas mesmas à sua condição de *bororo civilizado*. No fundo, Tiago Marques é um homem que nasceu e viveu alguns anos com os Bororo. Mais tarde voltou, mas como um “civilizado” – tal como ele se refere a si próprio – que precisa ser assimilado aos modos de ser, de pensar e de agir de sua tribo. As crises atuais apenas indicam a marcha desse processo de assimilação. Embora um reajustamento definitivo não tenha sido encontrado até agora.

48. Colbacchini e Albisetti (1942).

49. Baldus (1937, p. 173).

50. Ver Colbacchini e Albisetti (1942).

51. Ver *Idem*, pp. 172-174.

Os dados apresentados revelam – de modo rudimentar é verdade – a intensidade dos conflitos travados em sua mente entre valores diversos e incompatíveis, permitindo-nos uma representação aproximada do seu drama psíquico. Por enquanto, Tiago encontra-se diante de cada situação como se estivesse diante de um problema, podendo escolher entre duas formas de conduta diferentes – a de “civilizado” ou a de “bororo”. Durante certo tempo agiu como um branco educado; depois passou a agir como um “verdadeiro bororo”; e é possível que agora ainda se esteja comportando mais ou menos como um “branco”. E, numa mesma situação, mostra em suas atitudes esse choque de valores diferentes, como no discurso de Sangradouro e nas respostas que deu a Herbert Baldus sobre as crenças dos Bororo e dos cristãos. No fundo Tiago *acreditava em ambas*. Daí a labilidade de suas preferências, alguns lapsos e certas modificações apontados nas duas lendas, e principalmente sua atitude diante dos brancos e dos Bororo.

Respondendo a uma pergunta daquele etnólogo, Tiago fez, num melancólico resumo, uma exposição dos antigos atributos e costumes dos Bororo, irremediavelmente perdidos para ele. Essa evasão para o passado e concomitante análise do presente em termos do pretérito – quase sempre resultam numa superavaliação mística de certos valores tradicionais – são a característica dos marginais. É um tipo de compensação psíquica, encontrada no aguçamento da crítica às causas de certas formas de conduta e dos motivos que conduzem o homem à ação. Essa crítica tem, por sua vez, outros objetivos: a descoberta de uma saída para o indivíduo e uma explicação para sua situação singular na sociedade. Há uma saída, que se poderia chamar de solução passiva, em que o indivíduo se explica a si próprio o seu “fracasso” na vida social, evidenciando a impossibilidade de serem postas em prática certas formas tradicionais de conduta, possíveis só no passado, e porventura os ideais supremos da comunidade. Há outra saída que se poderia chamar de solução ativa, em que a generalização da crise – por causa da ação permanente das mesmas causas sobre vários indivíduos – torna possível uma luta libertária, a qual se inspira na consciência da necessidade social de determinados ideais e dá origem ao aparecimento de correntes sociais.

É óbvio que a situação de Tiago Marques corresponde ao primeiro caso. Ele constitui um fenômeno singular na sociedade tribal. As próprias condições desta não favorecem o aparecimento em massa de casos semelhantes ao seu, embora esteja em mudança. Isso parece-me importante, porque indica que não existem precedentes na vida tribal e porque dá algumas indicações sobre algumas predisposições psicológicas de Tiago Marques. A falta de pre-

cedentes torna o seu um caso único, que deve ser resolvido pessoalmente, com o risco de desaprovação por parte do grupo. As possibilidades de uma conciliação ou de uma solução intermediária, por isso, têm tanto valor e estão sujeitas às sanções da tribo quanto uma escolha definitiva. Para escapar à desaprovação desta é que Tiago, após alguns fracassos de tentativas de ajustamento, retornou aos brancos manifestando até o desejo de desaparecimento da cultura bororo. Seria uma solução para o seu caso e assim poderia libertar-se da opressão do controle tribal.

Mas essa é uma atitude que suponho passageira, que aflorou num momento agudo de descontentamento contra o grupo que, sem lhe oferecer uma solução viável, reserva-se o direito de controlar seus atos. Parece que desde o começo ele se tem esforçado por encontrar uma solução pacífica, submetendo-se passivamente a muitas imposições do grupo e aceitando publicamente os valores fundamentais da cultura bororo. Com exceção da manifestação verbal aludida acima, tenho a impressão de que a crise de Tiago não provoca respostas exacerbadas e atitudes violentas. E as breves referências feitas por Herbert Baldus, sobre sua conduta e modo de ser, coincidem com essas apreciações<sup>52</sup>.

Aqui se descobre um novo motivo e outra explicação para o seu retraimento, além dos ressentimentos recíprocos e da repulsa mais ou menos decidida por parte do grupo. A concepção de que é impossível pôr em prática certas formas fundamentais de condutas antigas dá um certo tom de desalento ao marginal "passivo". Atribui um forte sentimento de inutilidade aos seus atos e às suas tentativas de ajustamento, sempre encarados e analisados sob este prisma. Por isso, o isolamento e a ação restrita chegam a parecer-lhe desejáveis. Esse motivo interno, o desejo de isolamento todavia, pode desempenhar uma função muito importante, pois cria uma explicação subjetiva para o próprio isolamento. Torna tolerável e até insensível o afastamento de certas pessoas e menos dolorosa a ruptura com o grupo, enquanto não surge uma compensação mais forte. Mas, é claro, o indivíduo não pode viver sempre isolado! Tiago foi um solitário durante certo tempo, porém depois voltou ao convívio dos homens, tentando novos reajustamentos (reaproximação com os brancos etc.). Então se fazem sentir, com toda a sua força, as suas idéias sobre os atos humanos e sobre seus próprios atos.

Esse processo é visível nas seguintes palavras de Tiago Marques<sup>53</sup>:

Antigamente, o homem agarrava com as mãos a onça pela boca, separando-lhe as queixadas. Hoje não é mais capaz. Antigamente homem e mulher jejuavam muito.

52. Ver Baldus (1937, pp. 166-167, 171-172 e 185).

53. Ver *Idem*, pp. 185-186.

Depois do nascimento de um filho jejuavam durante uma semana, trabalhando, apesar disto. Também em outro tempo jejuavam. Isto aguça os sentidos: a vista e o ouvido. Naquele tempo, o homem, apesar da caça e do trabalho, nunca ficava cansado. Às vezes, a gente comia e bebia durante o tempo de jejum, indo, porém, depois ao mato para vomitar o consumido. Também naquela época, o homem, só raramente, deitava-se junto à mulher porque tal união ataca muito o sangue. E para não estragar os dentes, a gente tomava água morna e nunca fria e comia quando a comida não estava mais quente.

A mudança, pois, aos seus olhos, afetou a cultura e a vida tribal dos Bororo de uma forma profunda, que os demais membros da tribo ignoravam. Ele observa e analisa sofregamente os padrões tradicionais de comportamento, porque procura uma solução, uma forma de ajustamento – ao contrário de seus companheiros da tribo, que perdem em perspectiva o que ganham em integração. Por isso, no fundo, além de encontrar uma explicação para a sua conduta de desajustado, descobre falhas nos outros que, sem perceberem as mudanças, não sabem que seu comportamento está bastante distanciado dos padrões tradicionais da tribo. As condições modificam-se, os homens não podem ser sempre os mesmos – uns em maior, outros em menor grau. É outra forma de compensação desenvolvida pelo marginal, que Tiago revela de modo acentuado.

Entretanto, na realidade, há entre os Bororo de ontem e os Bororo de hoje a mesma distância, que nas primeiras tentativas de ajustamento ele quis transpor, tornando-se um verdadeiro bororo; “mas é bastante inteligente para compreender que agora não pode mais alcançar esse ideal”<sup>54</sup>. Contudo, deve procurar uma forma de ajustamento e é na escolha de uma solução possível que vai revelar-se, então, o grau de labilidade de suas preferências e de ambivalência de suas atitudes. Perguntando-lhe Herbert Baldus se não preferia morar com os bororo que vivem afastados das missões, longe de Sangradouro e Meruri, os quais, provavelmente, estão mais próximos dos antigos bororo e dos seus antigos ideais de vida social, Tiago respondeu: “Não, lá eles tratam uns aos outros como os brancos se tratam entre si, matando-se reciprocamente. Em geral matam o outro com veneno. Tais coisas antigamente eram raras”<sup>55</sup>. Portanto, as preocupações pelos padrões tribais dos antepassados bororo, em Tiago, não têm um caráter prático. Elas visam mais fornecer-lhe uma racionalização para uso pessoal que encaminhá-lo imediatamente no sentido de uma solução definitiva. Porque, se ele desejasse, de fato, ser novamente um verdadeiro bororo e

54. *Idem*, p. 171.

55. *Idem*, p. 186.



tivesse consciência de que isso seria possível, tentaria seu reajustamento aos outros, longe das missões e do mundo dos “civilizados”. A solução, contudo, parece-lhe inaceitável, apesar do rancor, do ressentimento que revela na frase contra os brancos.

Além disso, pensa que aos bororo é impossível voltar ao estado antigo: “Hoje a gente não pode mais andar como dantes enfeitado de penas”<sup>56</sup>. O seu mundo mental é ainda o dos brancos. E os valores correspondentes insinuam-se em seus atos, idéias e atitudes, dando-lhes uma cor própria. As suas considerações sobre os Bororo são, de fato, as de um branco letrado. Mas, ao mesmo tempo, indicam uma aceitação de e uma repulsa por valores da cultura dos brancos e valores da cultura dos Bororo. A indicação mais importante de todos esses dados, entretanto, é que o seu propósito de ficar nas missões corresponde a uma necessidade de não se afastar demasiadamente – mais do que já se distanciou – da “civilização” e dos brancos. É patente que os laços que o prendem ao mundo destes são ainda muito fortes e que o próprio Tiago, até agora, não se mostrou disposto a rompê-los. Apesar dos conflitos com os brancos, dos ressentimentos recíprocos e dos avanços da cultura bororo, que fatalmente o ganhará para si<sup>57</sup>. E também é claro que, nas circunstâncias analisadas, deverá resolver o problema e encontrar uma solução em condições bem definidas: entre os Bororo e os brancos de Sangradouro e Meruri.

56. *Idem*, p. 186.

57. Mantendo-se, evidentemente, as mesmas condições.

## Conclusões

O material exposto é suficiente para que se verifique a natureza dos desajustamentos de Tiago Marques Aipobureu, evidenciando que se trata de um homem marginal. Foram analisados os principais aspectos de sua crise psíquica, as causas prováveis dela e o seu desenvolvimento. Se não foi possível fazer um estudo exaustivo, devido à limitação imposta pelos dados disponíveis, parece-me que quanto aos seguintes aspectos – ajustamento ao sistema sociocultural bororo, conflitos culturais com os brancos e com os Bororo, o aparecimento de ressentimentos recíprocos e de certas formas pessoais de compensação, a ambivalência de atitudes e o desenvolvimento geral do processo de marginalidade em seu caso, com as correspondentes tentativas de ajustamento ao grupo dos brancos e dos Bororo – a análise não deixou muito a desejar. É interessante, todavia, que se debatam ainda, como conclusões gerais, mais dois problemas: o primeiro diz respeito à própria caracterização do caso Tiago, envolvendo uma reapreciação do processo estuda-

do; o segundo chama a nossa atenção para os aspectos condicionantes, exteriores, dos contatos dele com os brancos e os Bororo.

58. Linton (1943, p. 391).  
Quanto ao primeiro, deve-se lembrar que a possibilidade de conciliação de padrões incongruentes sempre existe. O comportamento “é muito mais flexível que os padrões, que o influenciam”<sup>58</sup>, adaptando-se por isso a estes e às situações em que se encontram os próprios indivíduos. Os conflitos de padrões devem ser considerados índices de desorganização da personalidade quando implicam conflitos emocionais, subjetivos, nos indivíduos, ou chocam o grupo, provocando nos demais membros da coletividade uma reação mais ou menos intensa e imediata de desaprovação. Geralmente, estes constituem dois aspectos de um mesmo fenômeno, um quanto ao indivíduo e outro quanto ao grupo.

59. Ver Willems (1940, p. 108).  
Portanto, apenas pode-se falar em marginalidade desde o momento em que padrões novos, insinuando-se na vida afetiva do indivíduo, entram em choque com sentimentos e emoções anteriores<sup>59</sup>. A existência de crenças contraditórias, simplesmente, não significa marginalidade. Um homem normal revela, em seu comportamento, que se orienta por um número relativamente elevado de padrões incongruentes. Assim, em nossa sociedade, um indivíduo qualquer recebe na escola explicações científicas sobre a cura de moléstias, por exemplo, e, informalmente, adquire outros conhecimentos incompatíveis com os primeiros. Entretanto, acredita em ambos, podendo usá-los alternada e até concomitantemente, em certas ocasiões. Mas, quando os padrões, relacionados a determinadas crenças, entram em choque, a possibilidade de harmonização e de conciliação desaparece. A desorganização da personalidade torna-se inevitável, como consequência direta do desequilíbrio cultural.

60. Sobre os resultados de contatos de sociedades culturais diferentes e a formação de culturas híbridas, ver Goldberg (1941, p. 53).  
Ora, tanto entre os Bororo, como entre os brancos das missões, deve haver muitos casos de gênero apontado acima<sup>60</sup>. Os Bororo recebem idéias, práticas e conhecimentos dos “civilizados” e estes, por sua vez, adquirem muitos elementos da cultura daqueles, no decorrer de um processo aculturativo que dura já alguns anos. Entretanto, poder-se-ia falar em marginalidade, em relação a esses casos? É óbvio que não, embora os contatos tenham provocado mudanças sensíveis, que puderam ser apreciadas nas referências de Tiago Marques e na constatação de A. Colbacchini e C. Albi-setti, citadas acima. Os problemas de ajustamento e o desenvolvimento da crise de Tiago tornam patente a inexistência de precedentes no grupo e que as modificações, por profundas que sejam, não afetaram ainda os valores centrais do sistema sociocultural bororo. Os elementos aceitos porventura

dos missionários foram integrados na cultura bororo. Por isso, torna-se possível a conciliação de padrões novos e padrões tradicionais no comportamento dos Bororo das missões, evitando os riscos dos conflitos emocionais profundos. Ao contrário, pois, do que aconteceu com Tiago, em que esse processo de conciliação não foi possível, devido ao fato de ser ele portador de uma cultura diferente da cultura dos Bororo.

O segundo problema coloca-se exatamente aqui. Os conflitos de Tiago Marques Aipobureu com os brancos, de um lado, e com os Bororo, de outro, devem ser encarados como uma consequência direta do fato de ser ele portador da cultura dos “civilizados”. Em todas as tentativas de ajustamento, ele foi prejudicado por causa desse fato. Para os brancos, manifestava atitudes e praticava atos que não eram esperados, pois viam nele apenas um bororo, igual aos outros das missões. Para os Bororo, a mesma coisa, mas no sentido inverso, e mais as suas insuficiências em face dos padrões da tribo, em vista dos quais foi avaliado e provisoriamente rejeitado. No fundo, pois, por ser um *bororo civilizado* não “serve” para ambos os grupos. Pela análise evidencia-se que a crise está ainda em desenvolvimento. Tiago não conseguiu uma saída conveniente, ajustando-se a um dos grupos ou encontrando uma fórmula intermediária e suassória de solução de conflito. O último período de sua crise (até dezembro de 1939, data do discurso de Sangradouro) caracterizou-se por uma reaproximação com os brancos e por uma reconciliação com os “civilizados” e os valores de sua cultura. Mas, muitos valores da cultura bororo foram incorporados à sua personalidade e em consequência modificaram profundamente sua mentalidade. As tendências do processo indicam que, nas atuais condições (precisa encontrar uma solução entre os Bororo de Sangradouro e Meruri e os brancos das missões), é bastante provável o seu reajustamento no sistema sociocultural dos seus antepassados com a correlata conservação de certas emoções, ideais e conhecimentos de “civilizado”, integrados em sua personalidade.

## Apêndice

Graças ao estudo de Herbert Baldus, de Antônio Colbacchini e de César Albisetti, a figura do bororo Tiago Marques Aipobureu ficou bastante conhecida nos círculos etnológicos brasileiros. Sua vida dramática, rica de peripécias e de aventuras, atraiu a curiosidade de leitores das obras daqueles etnólogos e chamou a atenção dos “civilizados” para os efeitos desastrosos da catequese e da assimilação dos índios, quando desenvolvidas sem nenhum

plano racional e sem nenhuma preocupação pelo destino pessoal das personalidades nativas, “cristianizadas” ou “abrasileiradas” pelos brancos. Há tempo, por sugestão do doutor Herbert Baldus, tentei estudar o drama moral desse personagem. Nesse estudo, pretendia sugerir, através de um caso concreto, o que acontece aos índios, nossos conterrâneos contemporâneos, quando recebem uma educação do tipo da nossa, sendo depois abandonados a si mesmos, entregues às condições de existência das sociedades tribais a que pertenciam. É claro que a falta de adestramentos especiais incapacita tais indivíduos para enfrentar com sucesso semelhante experiência. Por isso, tornam-se desajustados e podem revelar comportamentos marginais.

Entre as pessoas que se interessaram pelo pequeno estudo, encontra-se o senhor Manuel Cruz, amigo e admirador de Tiago Marques Aipobureu (cf. “A vida de Tiago Marques Aipobureu”, artigo publicado no *Diário de São Paulo*, 27/7/1947). Neste artigo, o senhor Manuel Cruz revela acentuada antipatia pelo conceito de marginalidade e afirma categoricamente que o índio bororo não é nenhum “homem marginal”. “Tiago Marques Aipobureu”, escreve, “não é, como diz Florestan Fernandes, um ‘marginal’. A designativa científica peca por inadequada se levarmos em conta a vida e a atividade de Tiago. Tiago é um abandonado, vítima da civilização que o encontrou feliz em plena selva de onde o agarrou pela gola atirando-o ao convívio das missões para, posteriormente, com o maior descaso de sua sorte, deixá-lo à penúria, longe dos centros urbanos, sem nenhuma possibilidade de aproveitamento.” Todavia, tanto neste trecho de seu artigo, como no seguinte, pinta-o incisivamente como um *marginal*: “No meu modo de entender, Tiago Aipobureu é uma vítima da civilização, como disse alhures. Esta o preparou para grandes destinos, e antes que pudesse pôr em prática seu preparo e experiência, eis que foi alvo da injustiça...”. O senhor Manuel Cruz possui, evidentemente, um conceito todo pessoal de marginalidade. Pois toma o termo “marginal” como equivalente de “pessoa deliberadamente posta à margem da vida social” ou de “escória social”. Bastaria a leitura da conceituação do vocábulo, feita no meu próprio trabalho ou em obras de autores nele citados, para dissipar semelhantes dúvidas. Aliás, mesmo no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* poderia encontrar uma conceituação do vocábulo, no verbete “marginal”: “Indivíduo que, em consequência de conflito de duas culturas, fica à ‘margem’ da cultura de que proveio e da nova cultura, em que não se integrou” (p. 795). Ao contrário do que pensa o senhor Manuel Cruz, o especialista, quando emprega o conceito, não pretende identificar as capacidades pessoais das personalidades estudadas aos

desajustamentos evidenciados em seu comportamento. Qüiproquós deste tipo, sobre o emprego de conceitos científicos, manipulados por não-especialistas ao pé da letra ou de acordo com o senso comum, são inevitáveis e compreensíveis. Fora disso, o artigo do senhor Manuel Cruz contém informações preciosíssimas a respeito de Tiago Marques Aipobureu, cuja importância para a análise de sua situação de “homem marginal” eu gostaria de indicar aqui. Antes, porém, parece-me necessário fazer uma retificação: em parte alguma do meu trabalho considerei Tiago Marques Aipobureu um “preguiçoso”. Na análise que fiz de sua situação de marginal limitei-me a constatar que, em consequência das avaliações negativas do seu comportamento, ele nem correspondia ao ideal de personalidade masculina dos Bororo, nem às expectativas dos salesianos, que então o qualificaram de “preguiçoso”, “estendendo o atributo e a decepção até a seu filho”.

Uma informação refere-se aos conflitos iniciais com os brancos. Os salesianos aproveitaram a cooperação de Tiago Marques Aipobureu em campanhas destinadas ao levantamento de fundos para as missões. As expectativas de aproveitamento prático dos resultados eram, naturalmente, distintas: os missionários tinham, a respeito, idéias opostas às de Tiago Aipobureu. Eis como o senhor Manuel Cruz descreve esses fatos:

A primeira decepção, disse-me Tiago, foi quando acompanhou a dom Malan que dele fez o chamariz para a obtenção de donativos para as missões. [...] Conta Tiago, com sua simplicidade, que dom Malan o apresentou a figuras importantes do comércio e da indústria de São Paulo e do Rio, e sempre o resultado dessas apresentações era o pedido de auxílio financeiro destinado à melhoria do padrão de vida dos Bororo, e consolidação das colônias. Ora, dom Malan nunca forneceu auxílio aos Bororo, isto é, nunca lhes deu animal para transporte, nem gado, nem nada. O nativo viveu à custa do seu trabalho.

Segundo o informante, as decepções de Tiago Aipobureu intensificaram seus conflitos com os brancos, conduzindo, mesmo, a fortes manifestações de antagonismo.

Certamente ao espírito vivo de Tiago não escapou um retrospecto àquelas cenas de promessas e de enxotamento. Esses dois fatos causaram-lhe profundo desgosto e consequentemente a volta de Tiago ao convívio dos seus patrícios, aos quais apontou, em arengas inflamadas, nas noites enluaradas, as falhas das missões e as ingratidões que vinha de receber se não dos missionários, pelo menos do novo diretor de

Meruri. [...] A esse gesto, o padre diretor do Meruri, que não tinha o tato político do padre Colbacchini, deu começo às suas represálias contra Tiago.

Outro aspecto interessante do depoimento do senhor Manuel Cruz refere-se às atitudes de Tiago Marques Aipobureu diante dos valores da civilização ocidental e dos valores da cultura bororo. Embora não deixasse de ser *cristão*, “posto seu cristianismo sofresse a influência de fresco atavismo”, compreendia e aceitava como bororo os valores e as instituições tribais. Essas atitudes foram largamente analisadas em meu trabalho. Em virtude do seu caráter confirmatório, as explicações do senhor Manuel Cruz merecem ser transcritas aqui. Quanto às relações com os brancos, afirma nosso informante:

Tiago tem raciocínio pronto, compreensão clara e lógica. É o primeiro a reconhecer a importância dos missionários na fortificação e no respeito à família, no preparo dos índios nos misteres da lavoura e da pecuária, e finalmente no interesse para torná-lo alfabetizado e útil se o círculo da atividade do nativo não se circunscreve à volta das colônias.

Apesar disso, Tiago Aipobureu “não atacou o poder dos *baére* ou sacerdotes, não desrespeitou a autoridade dos *boe imigéra gue* (caciques). Seu desejo foi, antes de tudo, o que faria um estudioso da sua gente: o esforço por tomar pé na história, nos mitos, nos cantos e na cultura material de uma tribo ciosa do seu passado e das suas tradições gloriosas”.

A informação mais importante, fornecida pelo senhor Manuel Cruz, diz respeito, no entanto, à competição por prestígio entre Tiago Marques Aipobureu e outros membros da tribo. Compreende-se, por meio dela, o significado do interesse de Tiago Aipobureu pelos valores tribais, obtendo-se assim uma explicação bastante razoável dos motivos que levaram o índio bororo a acumular conhecimentos tão amplos sobre a mitologia tribal e o passado dos Bororo. As informações confirmam completamente a interpretação que fiz do comportamento de Tiago Marques Aipobureu, ampliando além disso a base empírica da mesma. Apesar da extensão do excerto, parece-me indispensável citá-lo neste artigo:

Tiago se aborreceu e com muita razão. Ele me contou muita coisa que não vem ao caso narrar aqui. Para julgá-lo justamente convém somar a tudo a luta que sustentou sozinho com seus próprios patrícios. Sendo superior a estes em educação e no

conhecimento das coisas indígenas já liberto dos preconceitos tribais, era justo que, ao voltar às selvas, procurasse encaminhar os índios, de acordo com sua nova concepção de vida. Porém, o índio não quis abrir mão de suas prerrogativas sociais e religiosas e quando Tiago os quis conduzir, encontrou à sua frente uma muralha inexpugnável de resistência. Sentiu Tiago pela terceira vez, em sua vida, outra desilusão. Ele se tornava dentro da comunidade de sua gente um índio como outro qualquer. Pertencia à linhagem dos *bokodóri exeráe*, portadora de grande riqueza na cultura material, porém lhe falecia autoridade para o comando político-social da tribo, privilégio só cabível ao clã dos *baadagêbá gue*. [...] E essa resistência contra a influência de Tiago era manifesta na precaução que tinham os membros da comunidade em nada revelar sobre o assunto de história, de mitos e de cantos da tribo em presença de Tiago. Eu sou testemunha ocular. Para diminuí-lo chegavam até a inventar que Tiago era bisonho em assuntos das coisas dos Bororo. [...] Apesar das reações levadas a efeito contra a esfera de influência de Tiago, consegui este formar no seio da geração nova largo círculo de admiradores. Infelizmente esse grupo em nada poderia modificar sua condição de vida. Tiago vive hoje em dia a vida do desamparado, travando consigo mesmo uma luta tremenda cujas conseqüências, dada sua idade já bem avançada, parecem ser-lhe cada vez mais adversas, salvo se mão providencial o amparar a tempo.

Como se vê, o Sr. Manuel Cruz apresenta uma valiosa contribuição para o conhecimento da personalidade de Tiago Marques Aipobureu. Essa contribuição, apesar das críticas do informante ao conceito de marginalidade, descreve claramente o caráter do drama de “homem marginal” vivido pelo simpático índio bororo, chegando mesmo a elucidar alguns pontos obscuros até agora, como seja o das causas sociais dos conflitos de Tiago Aipobureu com os membros da tribo. O mesmo informante salienta, ainda, que o índio bororo mantém certas expectativas – que provavelmente serão frustradas em virtude das próprias condições sociais da situação de contato dos bororo com os brancos – de aproveitamento de suas capacidades pessoais por parte dos “civilizados”. Porém, Tiago tem esperanças de que algum dia possa vir a ser aproveitado pelos “civilizados”. “Anseia ele por uma possibilidade. Não a procura porque teme que, novamente, as portas da esperança lhe sejam fechadas. Por isso, não se arrisca a enfrentar a vida, até porque se acha desambientado do burburinho das cidades e do trato com os homens”. Isso evidencia que o processo descrito em meu trabalho, como supunha, não terminou: Tiago Marques Aipobureu ainda não conseguiu desenvolver um ajustamento satisfatório a um dos (ou a ambos os) grupos que dispu-



tam a sua lealdade, e a reaproximação com os brancos continua a marcar as suas atitudes e as suas ações.

#### Referências Bibliográficas

- BALDUS, Herbert (1937), *Ensaio de etnologia brasileira*. São Paulo, Editora Nacional.
- COLBACCHINI, Antônio & ALBISETTI, César. (1942), *Os Bororo orientais, orarimogodoque do planalto oriental de Mato Grosso*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- GOLDBERG, Milton M. (1941), "A qualification of The Marginal Man theory". *American Sociological Review*, 6 (1): 53.
- LINTON, Ralph. (1943), *O homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- PALANTE, G. (1901), *Précis de sociologie*. Paris, Alcan.
- PARK, Robert E. (1928). "Human migration and The Marginal Man". *The American Journal of Sociology*, vol. XXXIII, maio.
- SAROLÉA, Charles. (1891), *Henrik Ibsen, sa vie et son oeuvre*. Paris.
- STONEQUIST, Everett V. (1935), *The Marginal Man*. Nova York, C. Scribner'Sons.
- WILLEMS, Emílio. (1940), *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo, Editora Nacional.

#### Resumo

*Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal*

O texto analisa a biografia de um membro da tribo dos Bororo, Tiago Marques Aipobureu, que, nascido no planalto oriental de Mato Grosso, foi levado pelos missionários para estudar em Cuiabá e depois viajou pela Europa. Quando de seu retorno ao Brasil, foi empregado como professor, mas não conseguiu adaptar-se à nova vida. Casado com uma mulher de sua tribo, buscou então reintegrar-se aos Bororo, igualmente sem sucesso. Permanecia, desse modo, no meio do caminho, incapaz de integrar-se plenamente tanto à sociedade e cultura "civilizadas" como à sociedade e cultura indígenas. O desajustamento de Tiago evidencia a situação do homem marginal, daquele que se situa na divisa de duas raças, na margem de duas culturas sem conseguir pertencer integralmente a nenhuma delas.

Palavras-chave: Biografia; Marginalidade; Integração; Personalidade; Bororo.

#### Abstract

*Tiago Marques Aipobureu: a Bororo on the margins*

The text analyzes the biography of a member of the Bororo tribe, Tiago Marques Aipobureu. Born on the eastern plateau of Mato Grosso, he was taken by missionaries

to study in Cuiabá and later travelled through Europe. On returning to Brazil, he was employed as a teacher, but was unable to adapt to his new life. Married to a woman from his tribe, he tried to rejoin the Bororo, likewise without success. Thus he found himself midway between worlds, unable to join fully either 'civilized' society and culture, or indigenous society and culture. Tiago's maladjustment exemplifies the situation of the marginal person, someone situated on the dividing line between two races, on the margin of two cultures, unable to belong wholly to either.

Keywords: Biography; Marginality; Integration; Personality; Bororo.

Florestan Fernandes iniciou sua carreira docente como assistente do professor Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Foi assistente catedrático, livre docente e professor titular na cadeira de Sociologia I, substituindo o sociólogo e professor francês Roger Bastide até 1964, ano em que se efetivou na cátedra. Foi aposentado compulsoriamente em 1969 e, em 1985, recebeu o título de professor emérito da USP.